

## As forças demoníacas das pulsões no pensamento freudiano e suas marcas na filosofia da diferença

João C. Galvão Jr.

### Entidades indefinidas e fragmentadas [das *freudianas* às *benjaminianas*]

O que cria ou *as coisas* que criam rupturas na História estão *para além* do discurso ou da linguagem humana que nomeia as coisas. As coisas ou linguagem das coisas na produção de fluxos e sua economia estão para além das representações e seu mítico e violento nomear das coisas. Estas coisas não são e não podem ser articuladas – mas, antes de mais nada, seus fluxos *abrem* caminhos na produção de traços de singularidade sem sujeito – o que existe é o *bicho* intranquilo, atravessado por nervuras arqueadas. *Metamorfose* do[s] *bicho[s] monstruoso* [Ungeheuer]. Coisas *estranhas* [Unheimlich]. *As coisas* se proliferam no *escuro*. Em sua natureza – *fragmentada*. [O] *fragmento* [des]habita. *O que* não se pode domar pelas palavras está solto fora das quatro paredes familiares da nomeada “*Casa*” [linguagem] e mesmo em seu interior ou entre estes dois mundos – estado da alma – resiste o *desejo* dentro do aparelho da alma – enquanto fonte de *liberdade*. Na *alma* e formação desta alma [Seele] é introduzido [a] *intensidade* – uma espécie de economia das forças – no efeito interior desta, na criatura do *bicho* [bichos da criatura]. Não existe “metafísica da força” – a *força* é, ou não é. Existe um diálogo com o *núcleo da natureza* (FREUD, 1895/2007, p. 327) – este núcleo fragmentado está atravessado por *excitabilidades* [irritabilidade] (NOVALIS, 1798/2009, p. 143). Diante desta estranha natureza – entidades indefinidas e fragmentadas, a natureza destas excitações ou natureza de processos de excitação ou excitabilidade estão [des]ligados ao [des]prazer e ao *desejo*. Nesta ambivalência, aqui, inicialmente, a criatura é marcada por uma *prematuração* [não dispõe de aparelhos suficientes para regulação de sua *excitação*]. A *alma* atraindo a si toda *excitabilidade* (NOVALIS, 1798/2009, p. 144) [daí a estratégia do *pensamento da representação* em governar a *Reitzbarkeit*] – o pensamento em Freud é que o *aparelho psíquico* [da *alma*] é efeito de captura da excitabilidade. Alma aberta ao mundo exterior e ao mundo interior em relações de força – *estados da alma*. Esta *irritabilidade* não pode ser pensada pela matemática – a máxima da

*hostilidade* da “Casa” contra este *estado da alma* foi rigorosamente estabelecido pelos penitentes rigorosos que acompanham a procissão dos vencedores. A respectiva *irritabilidade* é aniquilada pela representação religiosa ou a *governança* interior dos homens (NOVALIS, 1799/2006, p. 30, 37, 57). Na “Casa” não há perigo de correntes de *ar*. Ao *sol* – a “*peste*” aparece mais em sua *face*, sempre mais desestruturada do que na *casa da linguagem*. As coisas na natureza em sua natureza – *mas* há ainda *outra coisa[s]*, de muito terrível e inquietante – *silenciosa*. Numa rua de mão única: se fechar [*estrategicamente*] por dentro mesmo em “*casa*” – resistir por dentro mesmo em “*casa*” frente o círculo dos humanos ou da *linguagem humana*. Na *linguagem* é desta forma: a “essência” lingüística das coisas é *sua* linguagem (BENJAMIN, 1916/2000, p. 145). A linguagem *já* é coisa – cristalizando miticamente as coisas. Das *freudianas* às *benjaminianas*, as entidades indefinidas num *estado de excitação* frente a *exceção* da narrativa discursiva do pensamento da representação. Desde a *metamorfose dos animais* à captura destas *coisas estranhas*. Palavras, palavras, palavras... O beijo do *sol* pode gerar *larvas* nas faces das *criaturas humanas* que habitam a nomeada “Casa”. Que a palavra gelada – entra nos ossos, *articulando* as coisas. Neutra. Ao articular – neutraliza as coisas eliminando suas forças. Não se engane nos seus cálculos: aquela *Palavra* era tão visível que se podia distinguir até no meio da escuridão? Ficaram acordados tagarelando na Floresta em voz alta até seus crepúsculos. Finitude da *criatura humana* – nomeado humano [criatura hostil]. Humanismo. Inconfundível *pastor* pela linguagem. O *pastor* recolhe o rebanho e a alma como o surgimento do humano *no* aberto – aí não há nenhuma especulação sobre a “metafísica” da alma? O perigo é ameaçador onde as alianças de uma “estrutura” são constituídas pelas identificações dos seus membros uns com os outros na salvação daquele lugar aonde chegou numa escuta obediente. Mas as *estranhas entidades* não vêem esse “*ser*” em parte alguma, não ouve a sua palavra nem a sua voz. Não há identificação. Seus *estranhos fluxos* acabam por romper e fraturar a nomeada estrutura. Têm o demônio na alma. Estranho e não estranho [“*ser*” ou “*não-ser*”] – posição estratégica. Silenciosa *metamorfose* das coisas frente às palavras. É preciso *resistir* de dentro da alma.

### Florescimento das coisas

O *movimento da libido* não capturada por dispositivos [político e teológico-político] numa constante dos fluxos e sua expressão, não são ligados em significantes ou por virtude do Espírito Santo. A criatura nomeada de sujeito na modernidade atravessada pelo discurso humanista não repousa sua constante in-

sistência num jogo de significantes. O caráter do *jogo* está para além deste discurso que deseja estruturar as coisas no plano extensivo. O *desejo* aqui – não somente vive e habita a extensividade das coisas; um certo tipo de ditadura do signifiante é inseparável de uma certa civilização e sua peste emocional. Na governamentalidade – o trabalho cultural de territorialização signifiante do espaço das almas frente a esta criatura, põe em jogo esta extensividade no combate a desterritorialização das expressões. Suas cadeias significantes alienam num imenso maquinário cultural, representacional e técnico. O reflexo do espelho *passa ser* reflexo humano. Toda a *libido* é então capturada, subjetivada – [re]cristianizada – em função das exigências da economia e teologia dos fluxos capitalistas. Qualquer *estádio libidinal* é uma estrutura patológica ou patologizada. Existe uma reificação dos fluxos extensivos. Todas as *intensidades pulsionais* concorrendo à formalização da ordem do discurso devem se alinhar – a pulsão deve ter seu passe pela linguagem humana – a pulsão *dever ser* articulada ao “*ser*”. Guerra de espaços na alma [*Seele*]. Territorializando-desterritorializando – culturalmente governa-se as figuras da natureza. A guerra por estes *espaços da alma* tem seu passe na captura do *jogo* da criança – desde a tenra idade – quando a criatura é marcada por uma prematuração [ou estado de uma criança prematura]. Ou seja: a criança não dispõe de aparelhos suficientes para regulação de sua excitação; seu *aparelho da alma* não está ainda completo e atravessado de espectros (FREUD, 1896/2007, p. 277). O resto é *silêncio*. Esta criatura é caracterizada pela *excitabilidade* [*irritabilidade*]. O *fascismo* presente no alerta do *Anti-Édipo* seria uma destas *formas de representação* frente a excitabilidade que deseja abertura. Os domínios religiosos, filosóficos e científicos eliminam este *jogo* que estimula o *florescimento das coisas*. Frente a este extermínio e sua impossibilidade quando as partículas renovam em constância e disseminam contaminando *as coisas* libertadas pelo *pólen*. Entremescladas – *as coisas* estão aí. O pensamento contido nos fragmentos de 1895 (FREUD, 1895/2007, p. 323) floresceu nas teorias da psicanálise freudiana. *A vida* floresce e morre *já morrendo* – no florescer disseminando o *pólen* já se está murchando num processo de mortificação – imanência da morte *na vida*; como a *vida* encontra *na morte* sua mais diferenciada figura. Efeitos da finitude. Mas, *talvez*, o Pastor do “*ser*” seja metafísico porque pensa a *vida* de um lado e a *morte* de outro lado; de uma ontologia vitalista para uma ontologia mortalista onde o total pensamento a respeito do sentido abrangente do nomeado “*ser*” repete o mesmo [inconsciente] de uma tradição metafísica que em sua orientação teológica pensa extensivamente ter superado a morte de [D]eus. A massa [ou “multidão”] quer proteção. A Filosofia não é tão rosa – muito

menos o discurso que se arroga científico. Em sua radicalidade – “*O Nascimento da clínica*” – dá legitimidade a psicanálise: como pensador, Foucault, na *dor dos vencidos*. Poderíamos falar de uma *história a contrapelo* – uma moldura teórica que questiona a tradição e patrimônio cultural dos vencedores. *Trágico da finitude* presente na psicanálise e no drama barroco. Patrimônio cultural aliado a submissão [*sujeição significativa*] e ao formalismo transcendente dos campos significantes que não passam de um momento cultural – humanista. Portanto, não se trata de reportar apenas a obra à intimidade, *mas* de dissolver o logro da intimidade significativa. A forma discursiva da psicanálise que tenta representar todas as coisas numa complexidade na estrutura da linguagem humana laconizando *a coisa em ato*. Operação que totaliza numa visão de mundo – “*Matemática pura é religião*” ou “*Quem pega num Livro de matemática sem devoção e não o lê como palavra de Deus, esse não o entende*” (NOVALIS, 1799/2006, p. 85, 86). A *coisa instintual* se esgotará inteiramente na sintaxe inteligível do *Significante*. Tal modo de *falar* revela aparentemente o sentimento de que se trata de alguém de “*Casa*” frente o estrangeiro potencialmente *esquizo* [“*Ouçam o louco!*”<sup>90</sup>]. Sonoridade de voz, dom de falar, superioridade, saúde, perseverança, presença de espírito, conhecimento dos nomeados humanos, visão geral do mundo – [o] *bicho[s]* torna-se tão diferente e nessa diferença tão perigoso para *o outro* com *face* [não o outro do outro], que este outro, comungando destas qualidades, calcula antecipadamente como esmagar o *bicho* sob os pés. Mas o que é vivo não comporta o cálculo – *as intensidades* não são exatas, por isso, devem ser eliminadas pelo discurso do nomeado “*ser*” [*linguagem humana*]. Muitos fornos crematórios serão necessários para o discurso filosófico conseguir exterminar o estranho *parasitismo* da psicanálise e do barroco. Quando a psicanálise tenta revelar as *forças ocultas* e seus *demônios*, torna-se estranha (FREUD, 1919/2007, p. 243). Como forma de defesa frente a nomeada “*Casa*” a criatura desaprende a falar ou partilhar desta *linguagem humana* – a palavra *lhe* é interdita (KAFKA, 1919/1997, p. 21). Mas neste movimento aleatório de partículas num fluído não há fala – *mas bicho[s]*. Vida e destrutividade se fazem presente no instante do agora. Não há *voz* nem *face* – apenas *excitabilidades entremescladas*. O *instante* das coisas não tem seu passe pela habitação do [auto]nomeado “*ser*”. Mas, a problemática da *excitabilidade* e seu controle não passam longe da chamada *política bioteológica* a repetir o mesmo num modelo lingüístico humano crente de si. Espiçando a criatura, o companheiro diabólico impede que aquela soçobre em integral repouso. Um mundo mágico e silencioso *das coisas* da natureza trabalham a cada instante num

---

90 The Prophet’s song, 1975.

ruído pulsional – o *barroquismo incontrolado das coisas* trabalham nos fluxos a cada instante, criando novos espaços na abertura e rachadura das paredes desta nomeada “Casa”. *As coisas* que disseminam o *polínico* são os *bichos* e o *vento* – os *bichos* e o *vento* como *polenizadores*.

### Função conectora do *bicho[s]* nas pulsões entremescladas

Verdadeiro soldado profissional, que infesta o campo de certa cultura *menor*, o inseto daninho, perverso, *bicho[s]* que suga o sangue [des]conservando a morte *na* vida – tornando a vida e a morte mais leve – *parasitando* (KAFKA, 1919/1997, p. 73) o discurso do nomeado “*ser*” ou de uma “cultura européia”. Nesta cultura [*parasitada*], o *estatuto filosófico do homem*, para além do ser do homem como objeto de saber metafísico e saber positivo, num uso de fidelidade e obediência incondicional, a resistência da experiência de singularidades no inconsciente como descentramento desta *criatura* é polenizada pelos *bichos* e o *vento*. No trágico barroco da finitude a *criatura* encontra nas figuras da natureza seu romantismo primeiro. “Descrever seres humanos tem sido impossível até agora, porque não se tem consciência do que é um ser humano (...)” (NOVALIS, 1798/2009, p. 98 - 99). Encontramos apenas *as coisas* finitas e entremescladas. Nestas coisas diversas e singulares as partículas habitam o ar – são movimentadas pelo *vento*. Coisas diferentes como o “*ser*” no ar no movimento do *vento* representam para além do pensamento da representação, intensidades intemporais rememoradas pelo *ato* da *criatura* presente em instante. Uma rua de mão única para não repetir o mesmo, conhecido e nomeado *logos* grego. Habita no ar. Estar no ar disseminando *pólen* com o *vento*. [O] *pólen* no séc. XX são as *cinzas* no ar – *ser[es]* no ar – espectrais que contaminam e ainda parasitam uma cultura. Um gosto de cinza voa no ar – exalando-se da lareira da Casa; eis o *tempo dos assassinos*, um *Ser de Beleza de alto porte* (RIMBAUD, 1999, p. 18, 26, 28). Espectros [*spectres*] ainda rondam a cultura européia. “...vejo espectros novos rolando através da espessa e eterna fumaça de carvão...” (RIMBAUD, 1999, p. 32). A *psicanálise* e o *barroco* habitam no ar – disseminando *Pólen. Cinzas*. Aqui, a dor dos vencidos se faz presente no instante histórico entre *memória* e *contra-história* [*história a contrapelo*] – a *vida psíquica* a partir da ideia de história – *finitude*. As partículas do *pólen* que habitam o ar desta cultura encontram-se no embate ou encontro impetuoso entre *pulsão de vida* e *pulsão de morte* inscrevendo-se num solo de uma *criatura da finitude*. As *coisas* finitas e entremescladas de morte *na* vida exercem uma *função conectora*: fazem aumentar as conexões do desejo no campo de imanência – aqui, o desejo mais erótico produz um investimento silen-

cioso entremesclado com sua destrutividade interna. Há uma relação de imanência entre pulsões e inconsciente [*inconsciente pulsional*] – intensidades que fogem da domesticação do nomeado *sujeito*, permanecendo por uma força constante com [o] *bicho[s]* da criatura e conectando-a as silenciosas forças destrutivas da natureza e sua pulsão erótica. Existe um movimento dos impulsos destrutivos inconscientes contidos na própria vida que cria aberturas na vida; a cada instante silenciosamente seus instintuais pulsionais de morte [des]conectam as forças instintuais na/da vida. Se por um lado, as manifestações instintivas das pulsões de morte são *independentes* do libidinal erótico da vida, estar em relações de forças pulsionais *autônomas* não significa que estas coisas da natureza não estejam *entremescladas* entre elas. As coisas se *irritam* com as coisas. A natural pulsão de caráter destrutivo da criatura deriva da natural pulsão de morte que move-se ao lado das pulsões de vida. Da mesma forma que as criaturas reúnem-se libidinalmente e [des]ligadas umas as outras, seus movimentos instintuais pulsionais a cada instante entremesclam-se entre si diante da natureza. Suas obscuras e silenciosas coisas instintualmente resistem frente à nomeada civilização; seu caráter *autônomo* (FREUD, 1929/2007, p. 113) e ao mesmo tempo *entremesclado* – ambivalentemente trabalham com vida e morte e morte *na* vida. A força da natureza de criar e irromper para morte e com a morte. A dimensão da criatividade se faz presente na literatura psicanalítica e seu trágico barroco da finitude, rememorando seus dias de 1912 com Sabina Spielrein em *A Destruição como causa do devir* [*Die Destruktion als ursache des werdens*] – tentativa de compreender as experiências dolorosas das forças que embelezam e ao mesmo tempo destroem tudo, perigo desconhecido vindo de dentro; o instintual pulsional sexual sendo contraditório em si mesmo – luta pela vida e pela morte frente um impulso destrutivo. Os *bichos* da criatura não podem dizer o que querem – estas coisas são mudas; a luta da vida e suas pulsões de morte impulsionam num devir *as coisas* dentro do *bicho[s]* da criatura. Talvez a sombra de morte *entremesclada* com um intenso pulsional erótico *em devir* tenha trabalhado de forma tal, impressões e experiências acumuladas nas forças demoníacas ou *esquizo* de Spielrein. Talvez estas forças se apresentem como mais “*junguianas*” do que na realidade são. O pensamento não parte de imagens, estas que são *imagens de pensamento* – mas Sabina Spielrein, está para além da pura *imago* cristalizada, vai de encontro ao caráter destrutivo das pulsões de morte ou das pulsações inconsciente de morte. A criatura em sua finitude está aberta a um *perigo outro* (SPIELREIN, 1912/1981, p. 213) natural silencioso – *obscuro*. Mas [o] *obscuro* aqui, não é o *escuro* do universo. O *escuro* é o *escuro* da criatura em suas *pulsões de morte*. Silêncio es-

*curo* das pulsões de morte – são *experiências*. Nesta sombra de morte – *rememorar* ou a prática da *presentificação anamnésica* [*Eingedenken*] (BENJAMIN, 1940/2000, p. 443) é abrir a *dor dos outros* na História – força de resistência na rememoração do passado dos mortos. Tempo passado *experienciado* na rememoração dos mortos. Estranha a *vida* e candidata a *morte* – não há discrepância entre seu pensamento e suas ações, como também à diversidade de seus impulsos de desejo. Os mesmos *bichos esquizos* que trabalham em caráter destrutivo rompendo com a vida e conectando com a vida passam pelo retorno sexual do estranho cheiro erótico na criatura civilizada. O [*des*]prazer é um hóspede permanente assombrado por suas pulsões de destruição inconsciente. Aqui, o além do *bicho[s]* segue o cheiro do erótico e instantes do caráter destrutivo. Na repressão orgânica e repressão cultural [moral] habita no governo dos vivos o nomeado “poder soberano” e a refinada biopolítica. Com a perda economicamente não satisfeita destes instintuais pulsionais ou da natureza frente a sua primeira repressão, *os bichos* da criatura passam a ser domesticados pela segunda repressão cultural habitada por estas técnicas. A vida *passa ser* “humana”. Mas alguma coisa arreventa de forma independente – [o] *bicho[s]* atravessado de excitabilidade; entremescladas, as excitabilidades dos *bichos* fazem com que a criatura não renuncie seu caráter instintual. A matilha de suas intensidades continuam a pulsar enquanto as forças silenciosas de morte estiverem presente na vida. Na natureza do *homem*, criatura da natureza, as coisas estão entremescladas de uma *vida sexual* livre [antes de seu porte ereto] e *pulsões de destruição*. Nesta criatura da natureza, sua sexualidade vem *de fora* para dentro entremesclando-se com suas pulsões de morte que vem *de dentro* para fora. A natureza *dos bichos* já trás a *diferença em si*; enquanto a dita “civilização” [“cultura”] impõe a criatura sacrifícios à *vida sexual* e sua força erótica e a seu *caráter destrutivo* (FREUD, 1929/2007, p. 111). Em suas conexões – *os bichos* criam diferenciais mínimos que as coisas colocam e que se inscrevem entre outras criando rupturas no campo da repetição do mesmo. As coisas *dos bichos* que não respondem e resistem à nomeada “estrutura” mítica introduzem uma diferencialidade na esfera sacralizada do *mesmo*. Do *silencioso* movimento das coisas *dos bichos*, sua inexorável natural finitude de morte a cada instante aparece em *ato* diante do desejo das mais obscuras forças. [O] *bicho[s]* com todo terror aparece em *ato*. A batida e o silencioso ritmo *já é* de pulsão de morte [“*chuuunc*”<sup>91</sup>]. As vibrações irregulares de um som nascido do *silêncio* fazem com que a *linguagem das coisas* floresça *com* a morte para liberdade. O amanhã nunca se sabe – é indeterminado. As coisas *dos bichos* podem ver o significado de

---

91 Come together, 1969.

dentro [interior] e ouvir a cor de seus sonhos. A *linguagem* não é significante – nasce do *silêncio das coisas*. No começo *das coisas* não está a “Palavra” ou sua “decisão” do “*Verbum*”, segundo a estrutura do *Evangelho de São João* e seus discípulos falantes<sup>92</sup>. Numa das passagens do *Fausto* de Goethe: era no início – a Ação[!] [*Ato*] (GOETHE, 2011, p. 112)<sup>93</sup>. Seu “pacto” [aposta] com o demônio é movimentado neste silêncio de morte *na vida* – criando *coisas menores* [*diferenciais mínimos*] e por isso, ainda mais política, na sua própria linguagem. Diferenciais mínimos que com seus estilhaços movem o eterno retorno conectando este com seus *bichos*. Na criatura – a *alma* é entregue ao *demônio* [o *psíquico* é entregue as *intensidades*]. E aqui, nos aproximamos na natureza do demônio em Freud. “O demônio tem muitas coisas a oferecer (...)” (FREUD, 1922/2007, p. 81). A[s] criatura[s] da natureza permeada de Energia e parte da Energia – “Que sempre o Mal pretende e que o Bem sempre cria” (GOETHE, 2011, p. 118). Essa *aposta*, assinada com o próprio sangue da criatura, pode estender-se por alguns anos; *entremesclados* frente a natureza e seus instintos de criação e morte *na criação*, que cria e fratura silenciosamente. O *desejo* que rompe nasce do silêncio, não é apanhado na rede de representações e não é neutralizado por um significante no campo social – *os bichos* na criatura são atravessados por conexões e [*des*]ligações intuituais pulsionais. As pulsões e instintos são *tramados* – como nas mórbidas esculturas de Camille Claudel; organicidade contaminada, destruída pelas velhas formas informes *mas* ainda parasitadas pela erótica da vida. O *desejo pulsa* no interior *das coisas* – desejo que na criatura é o mesmo desejo que *no[s] bicho[s]*. A *estrutura essencial* dos discípulos que comungam a “*palavra*” tentam perceber extensivamente pela *linguagem humana* as imensas marcas de unhas deixadas pelo *bicho[s]* – referência a *Bellérophon* (GALVÃO JR., 2012), caçador de animais. De Razão dá-lhe o *nome*, e a usa, afinal, pra ser feroz mais que todo *bicho[s]*. Retorno ao mesmo daquilo que torna possível e suporta a representação de um mundo *humano* ordenado e articulado. O caçador, representante da “*palavra*”, *fala* que as marcas são recentes, indicando pela *palavra falada* que dois imensos lobos e seus filhotes corriam no incêndio. Frente a “*palavra*” representacional do caçador, *a morte do lobo* [*La mort du loup*] se faz presente para estes representantes (VIGNY, 1991, p. 18 - 23). Mas só *o silêncio* é silencioso. [O] *bicho[s]* com

92 Fausto prepara-se para traduzir o Evangelho de João. No original, a expressão grega Logos [Verbum, na Vulgata] vem traduzida por Wort, “Palavra”, em consonância com a tradução de Lutero.

93 Mefistófeles dá a entender que, sob o disfarce de cão, ouvira o pouco apreço de Fausto, ao traduzir o início do Evangelho de João.



sua *alma trabalha* para realizar infinitas *ligações* – ligações da ordem do silêncio. Essa infinitude não é uma infinitude da continuidade, mas uma *infinitude da conexão*. Hölderlin proclamou essa profundidade das coisas e suas forças expressando esta *conexão interna* [*connexion interne extrêmemement fort*]: *conectar infinitamente na finitude* da criatura (BENJAMIN, 1920/2008, p. 58). A natureza começa a se manifestar e as coisas *dos bichos* começam a aparecer. “*Da terra, da água, e mais dos ares / Brotam os germes aos milhares a desdobrar-se / Várias coisas irrompem e crescem / No seco, frio, úmido, quente! ...*” (GOETHE, 2011, p. 121). Na natureza – [o] *bicho[s]* tem de aparecer em *ato*. Em sua silenciosidade, [o] *bicho[s]* sussurra: “*o caos reina*”<sup>94</sup> – *forças obscuras e demoníacas* atuando – *o pulsional* se faz presente – os filhos do lobo em silêncio *brincam* ruidosamente. Um uivo instintual das pulsões alertam dos perigos do incêndio na natureza e da tentativa de extermínio do estranho *bicho[s]* na criatura. Se olharmos ao nosso redor e interiormente – será que encontramos [o] “*caos*”? Será que isto é oposto à [des]ordem da [in]governabilidade? Ou será que a “*palavra*” humana continua a *nomear* o *bicho[s]*? Natureza exterminada à natureza profundamente moral da humanidade (FREUD, 1929/2007, p. 116). As forças mais obscuras dos instintuais pulsionais de morte fazem parte desta cena – *magismus*. O eterno instintual pulsional erótico da vida retorna na luta com seu não menos imortal adversário: as pulsões de morte – silenciosas e mágicas. Pela *magia* – *vida-morte* permanecem entremescladas. Mas este *entremesclamento* ainda permanece reservado aos historiadores da magia e sua ação.

### Mundo mágico e silencioso *das coisas da natureza*

A *magia* não é um conceito. É como se um fragmento solto, livre e aberto se conectasse a outro fragmento e este a outro fragmento e estes se conectassem entre eles com outros numa *infinita ligação*. Aí residiria a *magia das coisas* e sua magia – a magia de *resistir*. São *trabalhos* que se fazem com *rupturas e ligações* diante deste conectar-se – como num poema. Lembremos de *Faustus*, que diante de sua experiência com o terrível monstro [*Ungeheuer*], ainda sob a forma de seu cão, tenta enfrentar num primeiro momento este monstro perverso com uma fórmula mágica, fazendo este ser oculto no animal revelar seu verdadeiro aspecto. Os versos mágicos que pronuncia referem-se aos espíritos dos quatro elementos – Salamandra: espírito do Fogo; Ondina: espírito da Água; Silfo [ou a forma feminina Sílvide]: espírito do Ar; Gnomo: espírito da Terra. Usa o verso: “Salamandra

94 *Antichrist*, 2009.

se abraça, Ondina se retorça, Silfo se encase, Gnomo use força” (GOETHE, 2011, p. 115), enquanto a neblina se dissolve e o *Ungeheuer* aparece como o demônio Mefistófeles. O enigma da Energia[s], parte destruidora, parte criadora, perece na natureza com seu corpo erógeno pulsional a todo instante marcado *entre* o movimento *prazer-desprazer*. Esta infinitude *na* sombra da finitude realizada do conectar acontece inextensivamente como resistência e movimento no acontecimento da *alma*. Uma coisa se tornam irritadas com as outras coisas [*pulsão de vida com pulsão de morte*]. *Da natureza* – impulsos instintuais silenciosos que partem da escuridão e é com os corpos que perecem em sua finitude – *drama da criatura*. “O nome *libido* pode aplicar-se novamente as manifestações da força de Eros, a fim de separá-las da energia da pulsão de morte” (FREUD, 1929/2007, p. 117). Mas neste *drama*, qual o *nome* da energia da *pulsão de morte*? Não tem nome, não pode ser nomeada. É uma *coisa[s]* obscura – [*ina*]habita o interior e o silêncio do pântano. Vai vivendo como um crocodilo. Um *bicho* antigo – algo que torna uma coisa *misteriosa*, sendo que tornar misteriosa esta *ciência natural* é retirá-la do âmbito empobrecedor do saber positivo estritamente objetivo. Na planície interior inundada de energias das pulsões de vida e das pulsões de morte [*des*]habita o *bicho[s]*. Das *figuras da natureza*, profundidade instintual, *as coisas retornam* à sua força de destruição; criando e forjando diferenças [para além do discurso da metafísica da diferença]. No *mundo da natureza* [*coisas não nomeadas*] não há nomes, *mas bicho[s]* – Energias em suas *retornanças* diferenciais. *Linguagem* como algo *puro* [*das coisas*], trabalhando num *tremor* ou num movimento repetido; como se a *linguagem* se tornasse *bicho[s]*. Trabalho *das coisas* ou da *linguagem das coisas* [*pulsão sem representação*] que coloca [os] *bichos* da criatura num movimento de *terror* como algo invisível e silencioso criando as aberturas *no* instante *da* História. Estas forças intensivas que são desencadeadas não remetem para uma lei determinada do discurso ou *linguagem humana* como linguagem fônica representacional. Pelo contrário: estas forças demoníacas destroem com suas forças mais selvagens – puramente [*divinamente*] – com a cadeia de significantes representacionais. Impulsos instintuais inerente à própria natureza dos instintos pulsionais. Algo ou *alguma coisa* indeterminada não vai ser domesticada. Não há domesticação *dos resíduos*. Os *impulsos instintuais* mais profundos se tornam estranhos [estranho à “Casa” da linguagem]. Mágico confronto de forças da *pura* intensidade radicalizada em sua destrutividade; forças de um inconsciente pulsional operando silenciosamente numa intensidade do trágico [*intensidade barroca*]; metamorfoseando-se ou tornando diferente os instintos *em si*; retornando *a morte* em si; e mesmo assim, toda *a vida* é um processo de destruição. Marginalidade

da magia; ambivalência marginal; fragmentos marginais; o caráter destrutivo presente no fragmento; marginalidade da própria *coisa* e *das coisas* [o fato *da vida* já não habitar o todo] – *coisas mágicas: as crianças montadas nos mais terríveis animais / correndo no movimento de cavalos azuis [vida] e negros [morte]* (RIMBAUD, 1999, p. 33). A *coisa marginal fragmentária* que lança com seus estilhaços suspeição sobre as formas de totalização gerando *destrutivos* que não mais habitamos. [Des]habitar e [Ina]bitar. *Fragmentum pulsional* – estilhaços [pedaços de qualquer *coisa*], resultados de uma destruição pura. Estes *estilhaços pulsionais* numa relação de forças *repetem* o diferente criando uma abertura material. *Intensidade barroca* fraturando a figuração, representação, símbolos e imagens arcaicas. O *barbaros* da alma que faz explodir o pensamento da representação e as intensidades das forças representadas. O que está em *jogo* é a *fragmentação psíquica*. Estas *intensidades* definem como a *força* se comporta – forças internas numa *relação de forças*; este *poder* muda a cada instante no interior de *estilhaços pulsionais* para a destrutividade do mundo das coisas *em sua* forma política [nomeada] ou de um animal *nomeado* “político”. *Fragmentos estilhaçados e partículas* de substância viva polinizadas e dispersadas (FREUD, 1920/2008, p. 57) *irrompem* com formas e coisas nomeadas. Irrupções de um *inconsciente pulsátil* rompem com as acomodações do mundo das *coisas nomeadas*: “...é um Demônio de ação, ou Demônio de combate” (BAUDELAIRE, 1995, p. 338). A *magia* das coisas da natureza não se explica – são demônios inscritos no *corpo* e na *alma*. [A] Energia – [ela] é. O nomeado “*ser*” era. E o imprevisível está aí. Sua *magia*. As *freudianas & benjaminianas* carregadas de energias & alegorias contrastam na sua *magia* colorida com o frio e neutro pensamento da “Casa”. Quando passa a neblina, não lhes são essenciais as figuras que elas formam? Ou suas *imagens*? Lhes são indiferentes. Mas sim, a névoa elástica, que são compridas pelo *impacto constante* do vento, levadas adiante desde o início, disseminadas e também rompidas: esta é *sua natureza* – [a] *magia das forças [força natural]*. Nesta silenciosa *linguagem das coisas* – seu caráter mágico e demoníaco. Forças pulsionais ou da “existência de uma modalidade de pulsão sem representação” (BIRMAN, 1995, p. 47). É a *magia das forças da natureza*. Não há explicação do Ocidente para a *magia*.

### **Fragmentos de um retorno a Freud em Benjamin**

Retornando à Freud com as coisas que Walter Benjamin em seus últimos escritos de 1939-1940 tentou resgatar: a *radicalidade política das pulsões [intensidades]* expressando-se num pensamento da prática subalterna da dor dos vencidos. Freud não precisava de reconhecimentos na esfera *do político*, mas existe um

registro muito forte por parte de Benjamin, nos últimos anos em vida: *das pulsões na História*; caráter de originalidade presente nos desdobramentos de seu trabalho ou em alguns de seus fragmentos: “*O despertar do sexo*”, onde Benjamin surpreende-se com o despertar da pulsão sexual, de uma pulsão desperta vinculados a uma ética da judeidade (BENJAMIN, 2004, p. 121); em “*Filatelia*”, escrevendo sobre selos, tecidos celulares gráficos onde tudo pupula em confusão, onde neles a vida teria sempre uma marca da decomposição da morte [destruição], mostrando que é composta de matéria já morta (BENJAMIN, 2004, p. 56) – radicalidade da *finitude da criatura*; ou mesmo em “*O Caráter destrutivo*” que cria espaço e é jovem e alegre *mas* tendo consciência do homem histórico (BENJAMIN, 1931/2000, p. 330). *Relações de força* que marcam o político. Nestas *relações de força* atuam as *intensidades* ou *forças demoníacas*. Forças intensivas que *abrem* o político para *fora* da nomeada “soberania” – isso é um movimento ético. A *intensidade* não é um “*ser*”; não tem seu *passé* pela “*casa*” do espírito [ou da repetição infernal do mesmo]. Antes de tudo é *bicho[s]* – pura intensidade [*a natureza em sua alma*] que se repete na diferença do *mundo das coisas* além do pensamento da representação. Em sua correspondência, Benjamin sugere a Scholem que o texto *Rua de sentido único* (BENJAMIN, 2004, p. 264), de forma ainda tímida, daria o tom para as *Passagens de Paris*, este último, tentando dar a concretude extrema de uma civilização. Esta civilização burguesa estaria sujeita a destruição da *aura* pela *vivência do choque*: “... a sensação da modernidade: a destruição da *aura* na vivência do choque” (BENJAMIN, 2006, p. 148), o que seria recomendável, segundo Benjamin, retornar até Freud, “a explicação teórica não poderá prescindir das considerações de Freud em *Para além do princípio do prazer*” (BENJAMIN, 2006, p. 456). *No além* do princípio do prazer não se rege pelo prazer. O *princípio de prazer* reina sobre todas as coisas, *mas* não governa todas as coisas. “Não há exceção ao princípio, mas há um *resíduo* irredutível ao princípio – um *além...*” (DELEUZE, 2009, p. 110). Um *além* [...] que não é governado pela *linguagem humana*. A este *caráter destrutivo* está presente o instante da abertura do movimento destrutivo da *pulsão de destruição*. Este *caráter destrutivo* é o que *resiste*, que faz com que não se transforme *as coisas* em massa. Aqui, o *mal-estar* se centra na *pulsão de morte*. Ainda nesta civilização, descrevendo junto com Baudelaire, olhos dos quais se poderia dizer que perderam a faculdade de olhar, mas, dotados de *pulsões* (BENJAMIN, 2006, p. 144). Ou ainda sobre a *força* que não pode ser domada: “o pouco que restará da política irá debater-se penosamente sob a pressão da *animalidade* generalizada, e que os governantes serão forçados a criarem um simulacro de ordem” (BENJAMIN, 2006, p. 197). E mesmo se lembrarmos

aqui de uma de suas hipóteses mais radicais: “*o saber inconsciente dos animais*” (BENJAMIN, 2004, p. 19), o que o filósofo Jacques Derrida nomeará mais tarde de *animot*. O que demonstra, a impressão de Benjamin com os *destinos das pulsões* [*intensidades* ou *forças demoníacas*] e de um *inconsciente pulsátil* no caminho de uma *história aberta*, onde o novo seria possível, porque o futuro não é conhecido antecipadamente. A força de um *ato* não seria necessariamente carregada de otimismo, pelo contrário, poderia provocar resultados aterrorizantes. O *caráter de terror* e suas conexões com a *compulsão a repetição*; o estranho terror no campo *das intensidades pulsionais* – a *repetição* uma *força demoníaca*. *Forças demoníacas da linguagem das coisas* que disseminam em sua destrutividade a *vida mortalista*. Defesa contra a *morte mítica ou violência mítica*. Das *pulsões* para as *intensidades históricas* – intensidades ou forças espectrais dos *últimos escravizados*; tem-se um mecanismo de *repetição da diferença* do pulsátil produzindo e forjando diferenças em sua repetição; fazer *explodir* a estrutura – *caráter político das intensidades*. O psíquico *já é excitabilidade entremesclado* na história do terror e produção de sua terrível diferença.

### **A[s] coisa[s] retorna[m] em sua terrível diferença**

Neste momento, seria importante registrar as marcas das forças demoníacas das pulsões do pensamento freudiano na dita “*Filosofia da diferença*”. Destes pontos de contato entre *o político* e as *intensidades*, os estudos de Deleuze seriam importantes num movimento da *repetição* como um *movimento* ético que *repete* a diferença, repetindo várias vezes a expressão da *diferença das pulsões* [intensidades]. Aqui, a *repetição* e a *diferença* estão tão bem entremescladas uma na outra que não é possível dizer o que é primeiro; relação da *repetição* com a *linguagem das coisas* [as coisas *retornam* em sua diferença] – *repetição libertadora* – *repetição* como movimento *pulsional*, em oposição à representação, *repetição* afetada pela *experiência* da diferença; a verdadeira *repetição* é aquela que corresponde diretamente a *experiência* da diferença na liberdade [em busca da *liberdade*]. Não há afetos da ordem do discurso – *as coisas* passam pela *experiência*. Com o *eterno retorno*, Nietzsche não queria dizer outra coisa: a *repetição do eterno retorno* consiste em pensar a partir da *diferença* [*animais instintuais de Zaratustra*]; quem ou as coisas ou *os bichos* que descem da montanha *abrem* caminho com seu caráter destrutivo, uma ferida na ordem, quebra e fratura da estrutura – *esquizo-coisa* [Teatro do terror]. O “*ser*” [*não-ser*] nomeado psicótico é *fora* de si [Eu] – se há alguma loucura, ela está na própria natureza; “*ser*” é perder-se de si. Com a força da *experiência* do terror cria uma abertura *na* vida – criando mortificação

na *diferença*. O que plasma a *experiência* do terror são os estilhaços instintuais pulsionais dos fragmentos. É porque a repetição difere por natureza da representação que o repetido não pode ser representação nem ser “*ser*” da representação; a maneira como as *pulsões* são necessariamente vividas, mundo interno das repetições *no* instinto de morte. O que *retorna* não é o Todo, o Mesmo, o Igual, a Identidade; *as coisas* que retornam tem caráter *estrangeiro, inquietante, extremo, excessivo, demoníaco* – as coisas que retornam são *os bichos*. “A roda no *eterno retorno* é ao mesmo tempo produção da repetição a partir da diferença e seleção da diferença a partir da repetição” (DELEUZE, 2008, p. 61). O *eterno retorno* exige *intensidade* e coloca seu *excesso* a cada instante. Se o *eterno retorno* está em relação com a experiência do *instinto de morte* é porque promove a destruição da representação; relaciona-se ao *excessivo* que [des]liga o diferente ao diferente [o caráter destrutivo organiza-se na diferença *do* estrangeiro]. Aqui, *os bichos* são *excessos* na destruição dos sistemas da representação. A experiência do *eterno retorno* é intensiva, “*puramente intensiva*” (DELEUZE, 2008, 313). Que Nietzsche não tenha feito a exposição do *eterno retorno* não impossibilita pensar a prática *das coisas* e *dos instintos* retornarem em sua repetição nos *bichos instintuais* do profeta Zarathustra. São estes *bichos intensivos* que “*falam*” a cada instante com a História e seu rompimento. “*Temos dentro de nós uma pluralidade de instintos.*” (NIETZSCHE, 2005, p. 178 - 179). Deleuze registra um “*mundo da intensidade*” (DELEUZE, 2008, p. 311) [a repetição no eterno retorno é *intensiva*], diferenças *de* diferenças que se repercutem *ao infinito*, dando um destaque especial ao conceito de *pulsão de morte* no campo da *Filosofia da diferença*, que seria uma crítica ao estruturalismo; fazendo a diferença entre *instinto de morte* e *pulsão de morte* (BIRMAN, 2003, p. 73). Neste forjar da diferença existiria no texto de Deleuze uma passagem da *pulsão de morte para* o instinto de morte, um “pulo de gato” da Teoria Psicanalítica para a Filosofia. Este *conceito* não teria mais qualquer fundamentação na ordem da *linguagem humana*, mas estaria próximo *das coisas* [*linguagem das coisas*]. *As coisas* “*falam*” a linguagem dos impulsos interiores e dos desejos [instinto que faz *(o) bicho resistir* diante das representações]. *Os instintos* designam em geral condições de vida e de sobrevivência [aqui, *pulsão de morte* seria *pulsão de vida*] com o risco de se destruir a si mesmo [*potência demoníaca*]; descoberta de um “*Além*” – nesse aspecto *a repetição* constitui por si mesma *o jogo* de nossa *ruína* e de nossa *salvação* [*Rettung*]. Aspecto *libertador* da repetição: a ideia de um *instinto de morte* dá à *repetição* um poder autônomo e imanente em que o terror e seu caráter destrutivo se misturam intimamente com o movimento *da liberdade* do *bicho[s]*. No *pensamento freudiano*, o assombroso

ou *as coisas* que infundem terror é sua concepção da *repetição* na *vida psíquica* dominada por um modelo material na teoria das *pulsões de morte*. A esta *linguagem das coisas* e seu caráter destrutivo, a *pulsão de morte* assombra na repetição toda a força do diferente, criando e possibilitando um pensamento *do diferente* na *Filosofia da diferença*. Aqui, a *diferença*, se expressa também na *Filosofia [da diferença]* com uma força repetitiva dos ferozes *bichos instintuais* de Zaratustra, capazes de destruir com seu *estranho* instinto, mesmo que seja com uma contração aqui e ali, isto é, uma *liberdade* no nomeado mundo humano. O Zaratustra de Nietzsche, ao soltar *os animais*, ao afirmar o pensamento do *eterno retorno – ético* – afirma a *diferença dos animais instintuais*. Uma tentativa de ler as artes e a psicanálise pelo lado *das intensidades* ou *animalidade*. Freud com a *pulsão de morte* instala a *experiência silenciosa* das *intensidades* no aparelho psíquico [*alma*]; Nietzsche com *os animais* [de Zaratustra] instala a *animalidade* no pensar. Importante seria registrar também, que Freud e Nietzsche não se excluem, como pregam em *voz alta* em seus discursos os autoproclamados “nietzscheanos” em sua exclusão representacional inconsciente [a História do longo erro é a História da representação inconsciente]. A experiência de *instinto de morte* não pode ser reduzido ao campo da *linguagem humana* e ao discurso filosófico dos afetos falados. Está para “*além...*”. Freud e Nietzsche *não se eliminam – entremesclam-se* – instintualmente com seus *animais* ou seus *fluxos de excitações* destroem o pensamento da representação. Não há mais o nomeado “*ser*” no estilhaço barroco pelas *forças demoníacas das pulsões*. A experiência passa pelo *outro sem face* [outro do outro] – [os] *bichos* da criatura. Esta força da *pulsão* faz derreter e desaparecer uma imagem ou ordem da fala *no* instante de seu instinto [*mundo de forças puras*]. A estrutura da “*casa*” é a presunção do humano diante *das forças* das figuras *da natureza*. Até *as coisas* tem seu terror.

### **A pulsão de morte no Anjo da história [a criatura da finitude]**

Em seus primeiros anos de pensamento, Rimbaud se constitui em *ato* no silêncio atravessado em anjos [*Silences traversés des Anges*] (RIMBAUD, 1991, p. 154 - 155). *Je est un autre* [*eu é outro*] – explorado pelo discurso filosófico e encontrando sua imanência radical na experiência da psicanálise, faz com que este *ato* encontre o *outro pulsional*. O conceitual do poético faz com que a dita filosofia encontre em *ato* sua experiência da *reflexão*. A arte como criatividade e não o “Eu” como *caroço da reflexão* – singular experiência. As duas faces do *ego* [*je* e o *moi*] tornam-se discurso, visto que o *silêncio* não é da ordem da face. As coisas que a face reconhece são coisas nomeadas pela consciência racional.

O *outro* do outro passa [não]ser o *Je* que pulsionalmente está numa relação de forças com o *moi*. Momento que as coisas silenciosas da natureza relacionam-se com o *outro* [do outro]. O discurso humanista da “*face*” ou o *humanismo do outro homem* subordina-se aqui ao *pensamento da representação* submetendo este outro [do outro] num extermínio do nomeado “*ser*”. A *reflexão se abre* numa natureza reflexionante do pensar numa *intuição intelectual* – a imediatez do conhecimento e a sua natureza intuitiva: aqui, o romantismo fundou sua teoria do conhecimento sobre o *conceito de reflexão*, por que ele garantia não apenas a imediatez do conhecimento, mas também uma infinitude singular no seu processo (BENJAMIN, 1920/2008, p. 51). Eu = n[ão]-Je[u] (NOVALIS, 1798/2009, p. 139) – proposição de toda *ciência e arte*, registrado por Novalis, assenta-se sobre o inconsciente. Neste raro instante – *eu é outro* da vida pulsional. O *eu* e o *outro* convivem lado a lado na subjetividade moderna. O *eu* não é soberano – não domina seu território. Quando se sai da referência ao “Eu” [representante humano] estamos fora do discurso das ciências humanas<sup>95</sup> – presença silenciosa das pulsões e inconsciente. Nesta dinâmica instintual pulsional, o registro da pulsão é articulado ao registro do outro, sob as formas da *pulsão de vida* e da *pulsão de morte* (BIRMAN, 2009a, p. 51). A consciência imediata do pensar é estar-consciente-de-si e devido a sua imediatez é denominada *intuição* – o que na *alma*, o Eu = n[ão]-Je[u] é da [des] ordem de um inconsciente pulsional instintual. Esta *intuição* que é produzida pela liberdade natural dos instintuais pulsionais é um *ato* de liberdade. Na verdade, o critério que está em jogo não é mais o critério do conhecimento *mas* o critério do [des]prazer – uma tradição trágica. *Falar* de “Eu” e/ou “não-eu” sem intensidades ou excitabilidades é *falar de nada*. Ou seja: o que no romantismo alemão, com Novalis e Schlegel, está para uma radical consciência-de-si pela *intuição* ou um conhecer intuitivo, está para a psicanálise, com Freud, de um [des]conhecer de um profundo silêncio na criatura em sua finitude. A crítica da arte *das coisas* mais estranhas como criatividade ou a questão de uma teoria da criatividade não é um problema do discurso filosófico. Freud e Benjamin não foram educados na Filosofia. Este bloqueio inconsciente do pensamento da representação ou deste discurso localiza-se *na* representação. *Afeta* na pós-modernidade os críticos auto-proclamados “nietzscheanos”. Através da representação e, afinal de contas, através de sua mais elevada representação – a do representante. Até mesmo os “afetos” encontra-se “desafetados” pela ordem do discurso dos afetos e sua perda de experiência [*Erfahrung*]. Por outro lado, raramente um psicanalista, se sente impelido a problemática da arte como criatividade de *coisas estranhas* (FREUD,

95 “O Ego e o Id”. Notas do Grupo de estudos de Joel Birman, Rio de Janeiro, 2012.



1919/2007, p. 219). Estas *coisas* vivem internamente e externamente na *filosofia da história* e na *psicanálise* – pulsa num trágico [barroco] da finitude. Tragédia e trágico são coisas diferentes. *As coisas* que [os] estranhos *bicho[s]* da criatura instintualmente seguem é este “além...” – pura repetição instintual das pulsões. *Pulsão de morte* [!] [*linguagem das coisas*] – expressando-se na experiência da criatividade e finitude do trágico. Na atualidade de seu *mal-estar*, a *pulsão de morte* não tem seu passe pela tragédia. A *pulsão de morte* passa pela finitude do barroco [trágico]. *Forças demoníacas* que no mesmo instante se originam no interior do corpo e são transmitidas ao aparelho psíquico [*alma*] – o obscuro e estranho material das pesquisas da psicanálise; relação dos processos instintuais de repetição com a diferença. “As expressões de uma *compulsão à repetição* singularizam em alto grau um caráter pulsional [instintual] (...) alguma força ‘demoníaca’ em ação” (FREUD, 1920/2008, p. 35). A *pulsão de morte* marca que a *vida* está pulsando a cada instante e que a mesma está em processo de destruição na morte; *instintos* que penetram em sua natureza mais profunda e terrível, infundindo terror e insistindo em irromper com seu caráter destrutivo. Estranhos casos de repetição, *coisas que repetem coisas* no trabalho da diferença na roda do eterno retorno; a *vida pulsional* [instintual] servindo para ocasionar a morte; trata-se de *instintos* cuja função é garantir que o *organismo* seguirá seu próprio caminho para a morte; pressionando sempre e com caráter indomado ou não domesticado de uma *força constante*. “O que nos enuncia essa *filosofia da vida*, afinal? Nada mais nada menos que o organismo não suporta se manter vivo e quer morrer, pois pretende, no limite, se livrar de qualquer excitação”; mas “a *filosofia da vida* que sustenta o discurso freudiano seria eminentemente *mortalista*” (BIRMAN, 2009b, p. 84, 87). *Para a morte* – assumir a finitude. Morte natural. Necessidade interna de morrer. O que existe por outro lado é a tentativa de domesticação dos *bichos* na criatura pela *linguagem humana* [“*Casa humana*”] – paz de animais no pasto dos pastores. Mas, a questão principal e marginal: que as coisas vivas ou do mundo das coisas estão fadadas a morrer por alguma coisa interna. Aquilo ou a coisa que é dada no terror não é senão a morte. *Fantasma da morte*. “*Fantasma de morte* no interior da própria vida” (BIRMAN, 2009b, p. 88). Este *instinto* é um *estranho* – inquietante. O fato é que estas *forças instintuais* procuram conduzir a *vida* para a morte desde o início da *vida* [biológica] da criatura. Forças instintuais das pulsões de morte que acontecem *autonomamente* (FREUD, 1929/2007, p. 113) expressando-se na *vida com* a morte. As coisas da natureza passando pela *morte* que aparece com o terror sob a foice fatal. Noite, terror, interior. É quando o sol desaparece e não acorda mais o profeta; à sombra de um silêncio as coisas

emergem fraturando extensivamente. Assim como a terra – o corpo se rasga de dentro para fora. Na Floresta, bem longe, ouve-se um clamor na clareira em altas vozes. Os discípulos da estrutura consideram ainda a boca e teu Deus – *porta-voz* – do *Verbum*. O tumultuoso silêncio da morte instintualmente no grande silêncio que há no mundo mergulhando na escuridão. Ao sabor do vento polinizador – *l'art de mourir*. Na *morte aberta* – onde o silencioso destrutivo ganha a doçura erótica dos seios. Na criatura – e morrer fosse só, na fonte muito escura, mas com a abertura do *Angelus Novus*. Aonde vai na escuridão. “*Pouco depois, um Anjo, abrindo as portas / Vem animar, alegre e com bondade / Os espelhos sem luz e as chamas mortas*” (BAUDELAIRE, 1999, p. 477). É a morte que consola e alimenta a jornada – é o alvo desta vida. É o negro horizonte das *forças demoníacas das pulsões* desde o começo da vida sobre a terra. Superstições cíclicas sobre a morte. Não podemos pensar o *fluxo das coisas* de outro modo a não ser como a transição de um estado permanentemente morto para outro permanentemente morto.

*Ah, chamamos o ‘morto’ de imóvel! Como se houvesse algo imóvel! O vivo não é uma oposição ao morto, mas um caso especial (...). Mal nasceis e já começais a morrer* (NIETZSCHE, 2005, p. 109, 122, 133).

A cada instante esta *ambivalência do bicho* ou *dos bichos* da criatura podem irromper na vida para morte criando uma *abertura* material na História. Para a morte e com a morte numa filosofia da vida mortalista a cada instante que pulsa na *linguagem das coisas*. A *linguagem* é fruto da erotização dos acontecimentos dos corpos entremesclada na morte. Seria como se [um] *bicho* dissesse: – *pegue seus botões de rosa enquanto pode / o tempo está voando / a estas horas, flores que hoje riem, amanhã estarão mortas*. Mágica pela poesia – os poetas [não] estão mortos. A natureza da coisa é natureza da coisa psíquica da natureza na história. Acontecimentos que *rememoram* Novalis e Schlegel em *fragmentos* como uma pequena obra de arte – diria este pensamento no século XX: interpelação dos *bichos* pelas coisas silenciosas e obscuras da natureza. Nada de “*ser*”. Apenas *bichos* em seus *estados de excesso* em sua *finitude* natural com a morte. Trágico barroco da finitude. Num momento da dita “Filosofia da diferença”, com o *pensamento freudiano*, Deleuze tenta trazer imanência a seu pensamento da diferença numa repetição mais profunda que se desenrola numa outra dimensão. O *estado de excesso*, isto é, a *diferença*, retorna a cada instante em sua *repetição instintual* mais *estranha* e *silenciosa*. Uma profundidade silenciosa em que às intensidades das coisas estão *fora* de um sistema de linguagem humana ou languageiro [*para além* de uma leitura formalista da *linguagem*]. Este *inconsciente intensivo* é ir-

reduzível ao campo da *linguagem humana*. *Os desejos* fazem explodir *as coisas nomeadas* a cada instante em sua repetição do diferente na roda do eterno retorno, criando instintualmente a constante das intensidades. *Alguma coisa* não é governada [*a Besta* se agarra na alma e corpo]. *Os bichos* – caráter de terror – “*a Besta*” segura com força na *alma* e *corpo*, segundo o poeta (JARDIM, 2009, p. 542). O *terror* [em sua inquietante expressão] não é governado. Na verdade, a criatura morreria se as *intensidades* fossem zeradas e governadas totalmente; a criatura mantém parte das excitações e descarrega parte das excitações.

*A tendência dominante da vida psíquica e, talvez, da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna de estímulos, tendência que encontra expressão no princípio de prazer; esse fato constitui um de nossos mais fortes motivos para acreditar na existência de pulsões de morte* (FREUD, 1920/2008, p. 54).

No *estado de excesso*, *as coisas* rompem em sua finitude com qualquer forma de representação; *o excesso* de intensidade é *liberado*, mas o *instinto de morte* não consegue ser completamente expulso da “*casa*” – o *estrangeiro* permanece *parasitando* esta “*cultura européia*”; *as coisas* retornam em sua animalidade produzindo *a diferença material* [materialidade que se inscreve no psiquismo como um *traço* e na história *rememorada* – traço rememorado] e a destruição interna da *linguagem humana* ou da “*Casa*” onde habita o nomeado “*ser*”. Neste caráter destrutivo das pulsões *o silêncio é atravessado em Anjos*. [A] pulsão de morte [*silenciosa*] atravessada no Anjo da história – destrói e ao mesmo tempo rememora os traços *em cinzas*. Esta “*magia envolve alma e corpo*” (RIMBAUD, 1991, p. 159). Anjo ou mago – as forças pulsionais dos *bichos* na criatura retornam a terra; retornando rememoradas pelo *pólen* disseminado pelo *vento* e [os] *bicho[s]*. Primeira lição: o melhor amigo do *bicho* – é o *bicho[s]*. *Bicho[s]* sem face. As forças obscuras e silenciosas do *bicho[s]* podem ser *rememoradas* em sua [in]finitude de seu *ato* pelo *Angelus Novus*. O imprevisível da finitude *das excitabilidades* da criatura está presente no instante da *violência pura* das intensidades que é constitutiva da experiência da vida do aparelho da *alma*; mas – com a [im] possibilidade de ser rememorada na *abertura* da História. As *forças demoníacas* das *pulsões de morte* projetam sua sombra silenciosa sobre o passado, e este, rememorado pelo *Angelus Novus* coloca suas forças em *ato*: fraturando e destruindo. “A natureza à espera de um austero silêncio” (VIGNY, 1999, p. 146).

## Referências

BAUDELAIRE, C. *A Morte dos amantes*. In *Antologia da poesia francesa*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

\_\_\_\_\_. *Poesia e prosa*. Trad. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

\_\_\_\_\_. *A Modernidade*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.

\_\_\_\_\_. *Imagens de pensamento*. Trad. João Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004, vol. 2.

\_\_\_\_\_. *Le Caractère destructeur* (1931). Traduit Rainer Rochlitz. In *Oeuvres II*, Paris: Gallimard, 2000.

\_\_\_\_\_. *Le concept de critique esthétique dans le romantisme allemand* (1920). Trad. Philippe Lacoue-Labarthe et Anne-Marie Lang. Paris: Flammarion, 2008.

\_\_\_\_\_. *Sur le concept d'histoire* (1940). Traduit Maurice de Gandillac. In *Oeuvres III*, Paris: Gallimard, 2000.

\_\_\_\_\_. *Sur le langage en général et sur le langage humain* (1916). Traduit Maurice de Gandillac. In *Oeuvres I*, Paris: Gallimard, 2000.

BIRMAN, J. *As Pulsões e seus destinos: do corporal ao psíquico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009b.

\_\_\_\_\_. *Cadernos sobre o mal: agressividade, violência e crueldade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009a.

\_\_\_\_\_. *Freud & a filosofia*. Rio de Janeiro: JZE, 2003.

\_\_\_\_\_. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Sujeito e estilo em psicanálise: sobre o indeterminismo da pulsão no discurso freudiano*. In *As Pulsões*. São Paulo: Escuta, 1995.

DELEUZE, G. *Différence et répétition*. (1968) Paris: PUF, 2008.

\_\_\_\_\_. *O que é o instinto de morte?* In *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Trad. Jorge Bastos. Rio de Janeiro: JZE, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: para uma literatura menor*. (1975) Trad. Rafael Godinho. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003.

FERENCZI, S. *Adestramento de um cavalo selvagem*. Trad. Álvaro Cabral. In *Psicanálise II, Obras Completas*. São Paulo: Martins Fontes, 2011, vol. 2.

FREUD, S. *El Malestar en la cultura* (1929). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 21.

\_\_\_\_\_. *El yo y el ello* (1923). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 19.

\_\_\_\_\_. *Fragmentos de la correspondencia con Fliess*. (1892-99). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 1.

FREUD, S. *Lo ominoso* (1919). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 17.

FREUD, S. *Más allá del principio de placer* (1920). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2008, vol. 18.

FREUD, S. *Proyecto de psicología* (1895). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 1.

FREUD, S. *Trabajos sobre metapsicología* (1915). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2008, vol. 14.

FREUD, S. *Una neurosis demoníaca en el siglo XVII* (1922). Trad. José L. Etcheverry. In *Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu, 2007, vol. 19.

GALVÃO JR., J.C. *Sobre a «exceção humana» – Carta a Lacan, Jung, Schmitt...* São Paulo: Liber Ars, 2012 (prelo).

GOETHE, J.W. *Fausto: uma tragédia*. Trad. Jenny Klabin Segall. São Paulo: Ed. 34, 2011.

GUATTARI, F. *O inconsciente maquínico: ensaios de esquizo-análise*. Trad. Constança Marcondes e Lucy Moreira. Campinas: Papyrus, 1988.

JARDIM, R. *Sangradas escrituras*. Brasília: Ed. do Autor, 2009.

KAFKA, F. *Carta ao pai* (1919). Trad. Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KAFKA, F. *A Metamorfose*. In *Os melhores contos de Kafka*. Trad. A. Serra Lopes. Lisboa: Arcádia, 1966.

NIETZSCHE, F. *Assim falava Zaratustra*. Trad. José Mendes de Souza. São Paulo: Brasil editora, 1965.

NIETZSCHE, F. *Sabedoria para depois de amanhã*. Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NOVALIS. [Friedrich von Hardenberg]. *Pólen: fragmentos, diálogos, monólogo* (1798). Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 2009.

NOVALIS. *A Crisandade ou a Europa* (1799). Trad. José Miranda Justo. Lisboa: Antígona, 2006.

RIMBAUD, A. *Illuminations*. Paris: Gallimard, 1999.

RIMBAUD, A. *Vogais*. In *Poetas franceses do século XIX*. Trad. José Lino Grunewald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

SCHLEGEL, F. *O Dialeto dos fragmentos*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

SPIELREIN, S. *La Destruction comme cause du devenir* (1912) Trad. Pierre Rusch. In *Sabina Spielrein: entre Freud et Jung*. Paris: Aubier, 1981 [*Die Destruktion als ursache des werdens*. trad. de Renata Udler Cromberg - USP].

VIGNY, A. *A Morte do lobo*. In *Poetas franceses do século XIX*. Trad. José Lino Grunewald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

VIGNY, A. *A Natureza está chamando...* In *Antologia da poesia francesa*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

■.....**João C. Galvão Jr.** realiza seu trabalho de pós-doutorado em Teoria Psicanalítica na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Teoria Política pelo Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do *Grupo de pesquisa Constituição dos conceitos freudianos* (UFRJ) e *Walter Benjamin e a Filosofia contemporânea* (UECE). Como professor da Universidade Federal Fluminense em 2007 realizou a tradução com a apresentação da obra *O Leviatã na teoria do Estado de Thomas Hobbes: sentido e fracasso de um símbolo político* (1938) de Carl Schmitt. É autor de diversos livros, entre eles: *Relações de força: Vontade de Potência politizada ou do Eterno Retorno político* (2005); *Dialectique de la violence et rapports de force* (2007); *Leviathan cibernético* (2008); *O Guardião da fé* (2009); *Sobre a “exceção humana” – Carta a Lacan, Jung, Schmitt...* (2012) [prelo].